



AS NORMAS PADRÃO, CULTA E COLOQUIAL EM ARTIGOS DE OPINIÃO NA REVISTA NOVA ESCOLA

Alexsandro de Oliveira Barbosa
Alexoliveira963@gmail.com

Adrina de Oliveira Chagas Seabra
adrinad@gmail.com

Maria do Livramento Paula da Silva
anali.uepb@gmail.com

RESUMO

Tendo em vista a necessidade de ampliar as discussões sobre os usos das normas padrão, culta e coloquial, no ensino de língua portuguesa, este artigo objetiva analisar os usos dessas linguagens, em produções escritas (artigos de opinião) voltadas para o público da área de educação, como a revista Nova escola. Essas revistas, pelo cunho didático, apresentam uma linguagem padrão ou seguem a linguagem culta e/ou coloquial? Sendo assim, o trabalho se origina das discussões travadas nas aulas da disciplina de Gramática, Variação e Ensino do Programa de Pós-Graduação, PROFLETRAS/UEPB e se justifica pela necessidade de ampliação dessas discussões no âmbito acadêmico e escolar. A pesquisa possui caráter qualitativo de cunho descritivo e interpretativista, apresentando a abordagem da revista em relação ao uso dessas variantes. Os resultados apontam que os artigos produzidos na revista, mesmo se voltando, de modo geral, aos professores, procuram se adequar a sua finalidade discursiva, debater temas relativos ao ensino que podem abranger diferentes profissionais e não apenas os de língua portuguesa. Nesse sentido, há o padrão, mas prepondera a linguagem culta e o coloquial também se faz presente.

Palavras-chaves: Norma Padrão, Norma Culta, Norma coloquial, Artigo de Opinião. Nova Escola.

1 Introdução

Nas últimas duas décadas, os estudos acerca da língua e de seu funcionamento por parte dos estudiosos teve um grande reflexo nas aulas de língua portuguesa país afora. Aos poucos, docentes e demais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem abriram-se às discussões e novas práticas de ensino que contemplam a heterogeneidade da língua, suas variedades e seus diversos usos nas esferas sociais. Entretanto, há ainda aqueles que valorizam a norma padrão em detrimento das outras variantes linguísticas. Esses profissionais e/ou patrulheiros da língua não perceberam que a língua padrão é uma idealização linguística e, que no cotidiano dos mais letrados, usa-se a língua



culta, e nos meios menos letrados, a língua coloquial. E que dessa maneira, a escola deve trabalhar as três, e não apenas uma.

Tais discussões a respeito dessas variedades na língua materna e no reflexo delas sobre as práticas sociais dos usuários foram fomentadas nas aulas da disciplina de Gramática, Variação e ensino, do programa de pós-graduação PROFLETRAS/UEPB e, abriram espaço para a realização desta pesquisa. Desse modo, pretendemos observar o uso da norma padrão, da norma culta e da língua coloquial em *artigos de opinião* da revista Nova escola, considerando as intenções do autor, o valor atribuído a cada uma dessas modalidades, destacando a língua enquanto situação social, que requer a interação verbal de interlocutores vinculados, portanto, às circunstâncias diversas de comunicação.

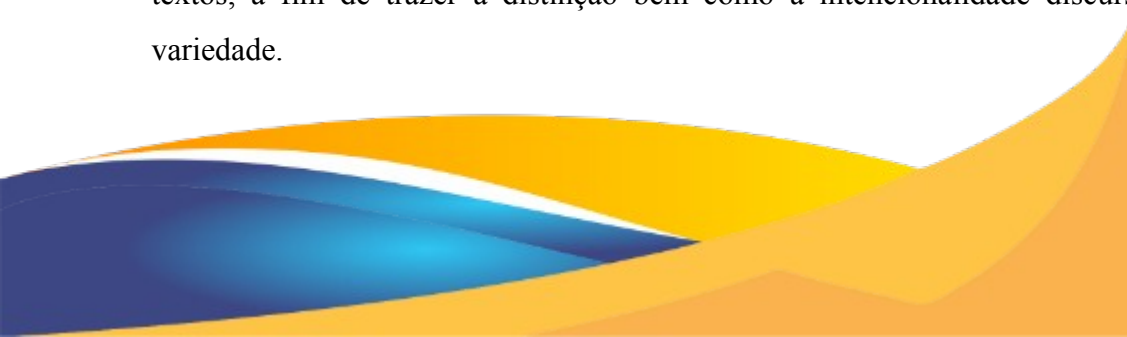
Nessa perspectiva, analisamos a edição nº302, de maio de 2017, que tem como tema: “A fé e a escola”, considerando como elementos para análise linguística os artigos de opinião: “A fé e o silêncio” (p.04), “É hora de procurar outro emprego?” (p. 50) e “Uma série polêmica abre caminho para caminho para o diálogo” (p. 62), do ponto de vista ortográfico, sintático e semântico, comparando as linguagens usadas nos três artigos.

E nesse contexto, usamos como aportes teóricos as contribuições de Gagné (2002), Antunes (2003), Bakhtin (2003), Veiga (1998), Bagno (2002), Bazerman (2005), entre outros, que orientam o uso das normas citadas em consonância com as intenções comunicativas a partir dos diversos contextos. A pesquisa possui caráter qualitativo de cunho exploratório e interpretativista, apresentando a abordagem da revista em relação ao uso dessas variantes.

No primeiro tópico abordaremos algumas questões direcionadas à revista e suas contribuições em relação às orientações para o ensino. O público alvo a quem se destina, os seus conteúdos bem como os gêneros trazidos para veicular tais discussões.

No segundo tópico observaremos o tratamento dado aos usos da língua nos mais diversos contextos interacionais dando ênfase ao uso da norma padrão e da norma culta, explicitando as proximidades e distanciamentos em suas abordagens enquanto recurso utilizado nas produções escritas da sociedade com vistas à interação social.

Por fim, no terceiro tópico trataremos uma análise linguística em relação ao uso das normas padrão e culta na construção de três artigos específicos contidos na revista, verificando as escolhas lexicais que justificam um ou outro uso de acordo com a intenção comunicativa dos produtores dos textos, a fim de trazer a distinção bem como a intencionalidade discursiva entre uma e outra variedade.





2 Metodologia

Para a elaboração deste projeto, optamos inicialmente, por desenvolver uma pesquisa bibliográfica, com o objetivo de analisar o conceito de normas padrão, culta e coloquial da língua e o valor atribuído a cada uma dessas variantes em textos escritos, assim como os avanços em pesquisas, nas últimas décadas, no que diz respeito ao ensino de língua materna no ensino fundamental das escolas brasileiras.

Em seguida, desenvolvemos uma pesquisa de cunho qualitativo e exploratório e interpretativista, a partir da análise de três artigos apresentados numa revista de circulação nacional, direcionada a professores, gestores e demais participantes envolvidos no processo de ensino-aprendizagem nas escolas. Para isso, utilizamos como objeto de análise 03 textos classificados no gênero *artigo de opinião*, apresentados na *Revista Nova Escola*: “A fé e o silêncio” (p.04), “É hora de procurar outro emprego?” (p. 50) e “Uma série polêmica abre caminho para caminho para o diálogo” (p. 62), onde analisamos o uso da norma padrão e da norma culta, a partir dos aspectos ortográficos, sintáticos e semânticos, comparando a linguagem usada nos três artigos.

3 Resultados e Discussões

3.1 A Revista Nova Escola – Orientações para o ensino

A busca por diretrizes e metodologias que auxiliem a prática docente é, sem dúvida, um desafio constante para o professor de língua portuguesa no ensino fundamental. Escassez de conteúdos, bibliotecas sucateadas são contrapontos que condicionam o desenvolvimento de atividades, em que o livro didático parece ser o único material viável para análise e reflexão dos conteúdos aplicados na sala de aula.

A revista Nova Escola, que tem o pressuposto básico, como afirma Bueno (2007), de “valorizar e qualificar o professor da Educação Básica em todo o Brasil” é distribuída gratuitamente a escolas públicas, como periódico educacional ao qual a maioria dos professores da rede pública tem acesso.

A revista aborda temas que reforçam a realidade da educação brasileira, com discussões que pretendem nortear professores e gestores no processo de ensino-aprendizagem, frente à diversidade sociocultural e linguística de nosso país, na busca de refletir e compartilhar, como afirma Rausch e



Schlundwein (2001, p. 121), com os demais professores erros e acertos, negociar significados e confrontar pontos de vista como algo estimulador para uma prática pedagógica comprometida.

Nesse aspecto, a utilização dos conteúdos vinculados às propostas apresentadas pela revista propõe contribuir para a prática de um ensino inovador e inclusivo, em que não são apontadas apenas as dificuldades, mas sim possibilidades, cuja finalidade é guiar ações pedagógicas conforme o perfil da comunidade atendida.

O gênero *artigo de opinião* é constantemente usado nas edições da revista Nova Escola, através de seções que especificam linhas de discussão direcionadas para uma reflexão sobre o ensino. E a linguagem empregada nos textos nos proporciona desenvolver uma abordagem sobre o valor atribuído à norma padrão e à norma culta da língua na produção textual.

Na seção “Em Dia”, são relacionados temas voltados à cultura nacional, desde a influência da musicalidade, religiosidade e, a partir dessas considerações, abordá-los como temas relevantes que podem levantar reflexões e discussões. E que essas possam vir a contribuir com o despertar da consciência coletiva, destacando que o resgate às raízes culturais de uma região poderá despertar no indivíduo a motivação e o interesse sobre a sua própria cultura, tornando-o um cidadão mais sensível e consciente da importância de suas raízes para preservação de sua história.

Já as seções “Sala de Aula”, “Reportagens” e “Especialistas” são apresentados gêneros textuais diversos com o intuito de levantar questionamentos e apontar caminhos para a prática docente atual, a qual o educador tem um papel importante como sujeito ativo nessas discussões.

3.2 A norma padrão, norma culta norma coloquial – aproximações e distanciamentos.

É notável o grande avanço nos estudos linguísticos nas últimas décadas por parte dos estudiosos e pesquisadores da área no que diz respeito ao ensino de língua materna no ensino fundamental das escolas brasileiras. Nesse sentido, podemos dizer em linhas gerais, que o ponto norteador de tais estudos ao longo dos anos, sobretudo, tem como foco as duas grandes tendências no que diz respeito à linguagem como nos sugere Antunes (2003):

- a) Uma tendência centrada na língua enquanto sistema em potencial, enquanto conjunto abstrato de signos e de regras, desvinculado de suas condições de realização;
- b) Uma tendência centrada na língua enquanto situação social, enquanto atividade e interação verbal de dois ou mais interlocutores e, assim, enquanto sistema-em-função, vinculado, portanto, às circunstâncias concretas e diversificadas de sua atualização.





A partir de tais tendências mencionadas, compreendemos o processo de ensino da língua portuguesa ancorado em ambas uma vez que o uso e ensino da norma padrão do português brasileiro estariam para a primeira, uma vez que ainda se obedece à risca às prescrições gramaticais, ao passo que a segunda ocorre na modalidade culta do português, ou seja, nos usos utilizados oralmente por pessoas escolarizadas e cultas que põem a língua em funcionamento.

Logo, podemos até afirmar que a norma tida como a padrão, que compreende exclusivamente o ensino da gramática nas salas de aula, é mais aplicada, pela modalidade escrita, havendo poucos casos de implementação de usos não padrões nessa modalidade de expressão da língua, uma vez que é considerada a de mais prestígio no bem escrever dos usuários.

Em geral a pedagogia centrada no código linguístico repousa numa perspectiva da qualidade da língua que é normativa e frequentemente purista. Esta perspectiva centrada na escrita concebe a língua como um código homogêneo, único e intrinsecamente superior: aquele que é descrito nos dicionários e nas gramáticas. O objetivo prioritário senão único que ela visa consiste em fazer adquirir tal código. (GAGNÉ 2002, p.196-197)

Normalmente, dá-se prioridade ao ensino da norma padrão que se respalda no ensino da gramática nas aulas de língua portuguesa, com o objetivo de tornar os indivíduos capazes de conhecer o funcionamento da linguagem para falar e escrever bem, sem levar em consideração a multiplicidade de usos da língua em consonância com os contextos sociais.

No tocante à norma culta compreendemos um conjunto de padrões linguísticos que determina o correto uso da língua de acordo com a camada escolarizada da população. Podemos definir a norma culta, assim, como a variação linguística habitualmente utilizada por pessoas com elevado nível de escolaridade e cultura. “Esta pedagogia se inspira muito mais nas perspectivas sociolinguísticas e funcionais acerca da língua e da linguagem. Ela admite o caráter arbitrário de todo código linguístico e a coexistência das variedades de uso”. (GAGNÉ 2002, p.206)

Consegue-se ver certa proximidade com a variedade padrão por ser uma variedade que usa o bem falar e o bem escrever, usada por uma classe social notória, embora se distancie justamente por abrir espaço à flexibilidade no seu uso a partir de interesses comunicativos específicos. O autor acrescenta:

Ela reconhece a importância das funções da língua e dos objetivos perseguidos pelo falante, de uma parte como condições necessárias dos aprendizados linguísticos e, de outra parte, como fator de variação linguística. [...] tal abordagem tem o mérito de reintroduzir nos

aprendizados as dimensões psicolinguística, sociológica e situacional, em geral ausentes da abordagem fundada numa concepção normativa da linguagem. (GAGNÉ 2002, p.206-207)

Por essa ótica, cabe à escola, como espaço que deve criar meios de oportunizar aprendizagem de forma significativa a partir da diversidade de contexto do seu alunado, abrir espaço para o estudo da língua materna com vistas à prática interacionista, valorizando a diversidade cultural e social existente em nosso Brasil.

A norma coloquial por sua vez pode ser considerada como uma variante mais espontânea, utilizada nas relações informais entre os falantes, sendo, portanto, a língua em seu uso cotidiano, sem muitas preocupações estéticas, com as normas dos usos linguísticos e estando também menos presa à rigidez das regras gramaticais.

A linguagem coloquial ou informal é uma variação de linguagem popular utilizada em situações cotidianas mais informais. A coloquialidade encontra certa fluidez na oralidade, ou seja, na fala e, assim, não requer adequação às normas da gramática tradicional da língua portuguesa. É na linguagem coloquial que encontramos as gírias, estrangeirismos, neologismos, abreviações, isto é, palavras e expressões que não se relacionam à norma culta da língua portuguesa.

3.3 O padrão, o culto e o coloquial em artigos de opinião da Revista Nova Escola

Ao mencionar o gênero artigo de opinião, é possível que afirmar que o interlocutor deve acionar significados socioculturais compartilhados relativos aos temas, recorrendo ao contexto como “situação enunciativa”, ou, na definição de Bazerman (2005, p. 8), a relação e a adequação que se estabelece entre texto e contexto: entre as escolhas que são postas a seu dispor pelo sistema léxico-gramatical da língua e o uso da linguagem empregada na produção textual.

Ao considerarmos a edição nº302, de maio de 2017, cujo tema: “A fé e a escola”, consideramos como elementos para análise linguística os artigos: “A fé e o silêncio” (p.04), “É hora de procurar outro emprego” (p. 50) e “Uma série polêmica abre caminho para o diálogo” (p. 62), onde analisaremos o uso da norma padrão e da norma culta nos artigos de acordo com cada intenção comunicativa desejada.

Sobre *fé e o silêncio*, o autor traz uma abordagem sobre a necessidade de se discutir a religião na sala de aula, abrindo caminhos para o diálogo sobre o tema entre professores e alunos, independente da crença religiosa dos grupos envolvidos.



Quadro 1

“As cenas se repetem em várias escolas pelo país”. (pág. 4)

Fonte: Revista Nova Escola

Temos nesse trecho inicial a substituição da expressão gramatical *repetem-se*, que está para norma padrão pela expressão *se repetem*, que atende a norma culta. A inversão dá ao texto um caráter menos formal a linguagem.

Quadro 2

“Em uma, o diretor começa o dia com pai-nosso. Em outra, o professor que tirar a cruz da sala dos docentes”. [...] A religião, goste-se ou não, faz parte da vida escolar – e pode ajudar ou atrapalhar o processo de aprendizagem”.(pág. 4)

Fonte: Revista Nova Escola

As expressões: “*tirar*” e “*goste-se*” no trecho vem como representação dessa mescla no uso das normas acima citadas. Na primeira, há uma redução na forma gramatical da palavra *retirar*, atribuindo um valor menos formal à expressão, na tentativa de facilitar o diálogo e aproximação do leitor com o texto. Em relação ao uso da forma verbal *goste-se*, o autor usa uma escolha que atende à norma padrão quando faz o uso da ênclise na expressão.

Quadro 3

“Por isso nós decidimos mexer nesse vespeiro e falar sobre religião na escola”.

(pág. 4)

Fonte: Revista Nova Escola

Neste trecho, aparece outra variedade, a informal, quando o autor usa a expressão “*mexer nesse vespeiro*”, usando uma metáfora que substitui outro termo que no caso aplicado, pode ser o problema relacionado ao trabalho com a religião na sala de aula.

Quadro 4

“E, se tiver um relato de prática bacana, se tiver uma contribuição, me escreva no leandro@nova.org.br . Tudo o que nós queremos são ideias para ajudar a melhorar a Educação no País.

Grande abraço,” (pág. 4)

Fonte: Revista Nova Escola

Neste recorte, há o uso das expressões “*bacana*”, “*que tal*” e “*Grande abraço*” , mais uma vez trazendo a informalidade como recurso expressivo na fala do autor, no momento em que faz um



convite aos professores que nutram interesse em colaborar, a partir de suas experiências didáticas com a revista.

Sobre *É hora de procurar emprego?*, o autor traz uma reflexão sobre trabalho, bem-estar profissional e relações interpessoais nesse ambiente. Em sua produção escrita há a predominância da norma padrão da língua. No entanto, há a aproximação do gênero artigo com o relato de experiência vivido pelo autor, o que o permite fazer uso das expressões:

Quadro 5

“Tenho 38 anos, trabalho desde os 14 e, se depender das propostas do governo Temer, ainda terei um bom tempo de labuta pela frente”. (pág. 50)[...]

“É hora de seguir em frente ou de buscar outro emprego? Sempre refleti sobre isso – e, ao longo da estrada, tive bons conselhos para chegar mais perto de uma resposta aceitável”. (pág. 50)

Fonte: Revista Nova Escola

No trecho do quadro 5 a expressão “*um bom tempo de labuta pela frente*”, usada metaforicamente para substituir a expressão “um bom tempo de trabalho”. O mesmo repete-se quando o autor utiliza as expressões “seguir em frente” e “ao longo da estrada”. Essas escolhas lexicais em consonância com suas cargas semânticas totalmente coloquiais caracterizam um texto totalmente informal e próximo do leitor.

Quadro 6

O ambiente em que você trabalha é leve, pautado pela colaboração e pela camaradagem? (p.50)

Fonte: Revista Nova Escola

O uso da palavra *camaradagem* nesse trecho vem como mais uma expressão informal, dirigindo-se ao leitor e mantendo uma relação de proximidade na linguagem.

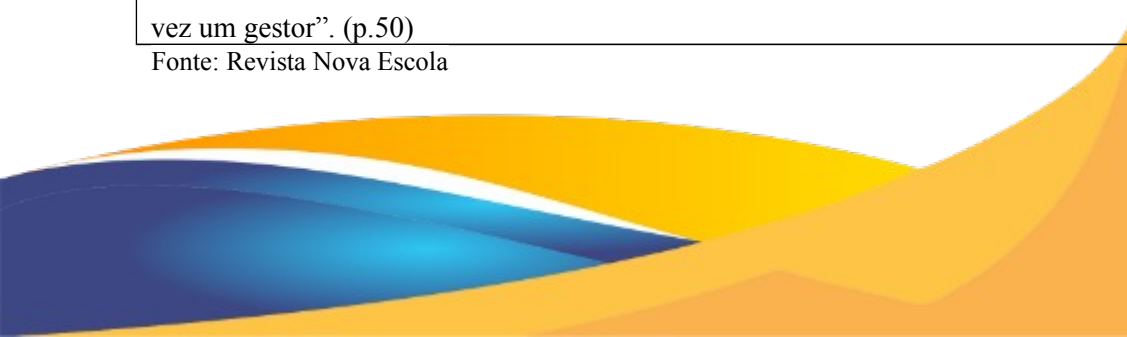
Quadro 7

“Especialmente se ele dá crédito pelo seu esforço, confia em você para tarefas cada vez mais importantes e tem jogo de cintura quando você precisa de alguma flexibilização nas regras do dia-a-dia”. [...]

“No fim do dia, são fatores como esses que fazem o batente ter sentido por décadas a fio”.(p.50) [...]

“Isso importa mais do que o salário, a empresa e a função que você vai desempenhar”, me disse certa vez um gestor”. (p.50)

Fonte: Revista Nova Escola





As expressões “*tem jogo de cintura*”, “*o batente ter sentido por décadas a fio*” e “*me disse certa vez*”, trazidas nos trechos dos quadros acima, são mais um exemplo da mescla nos usos das variedades, reforçando a linguagem predominantemente informal (coloquial) empregada no artigo.

Sobre o texto “*Uma série polêmica abre caminho para o diálogo*”, a autora faz uma relação dialógica entre uma série fictícia e um acontecimento real que merece a preocupação dos pais, docentes e comunidade em geral em relação ao assunto.

Quadro 08

“Adolescente Hannah se suicida e deixa 13 fitas cassete”. [...] (p.50)
“Diversos estudos apontam para a importância de se separar a vida “real” da “simbólica” dos filmes, games e outros”. [...] (p.50)
“Os adolescentes são inábeis para pedir ajuda e, não raro, seus pedidos passam despercebidos ou são confundidos com agressão, arrogância ou timidez”. (p.50)

Fonte: Revista Nova Escola

No quadro 08 temos as expressões “se suicida” e “se separar”, substituindo os termos “suicida-se” e “separar-se” mais uma vez utilizando uma colocação pronominal proclítica, com a finalidade de deixar o texto menos formal. Em seguida, aparece a expressão que compreende a norma padrão, “inábeis”. Vemos nesses artigos a mescla de norma culta, padrão, mas, predominantemente, temos a variedade mais informal presente nos três textos com a finalidade de tratar dos assuntos abordados de forma mais leve.

As dimensões semânticas empregadas nas expressões informais ao longo dos três artigos, como afirma, a partir dos elementos que compõem sua estrutura e função sintática na construção, relacionam os significados com a ideia do elemento gramatical expresso, juntamente com as situações comunicativas, pois exige que o leitor ative seu conhecimento de mundo a respeito do valor semântico atribuído à palavra através dos elementos gramaticais utilizados em cada contexto.

Considerações Finais

Após analisar e comparar os três artigos presentes na Revista *Nova Escola*, percebemos que há a presença da norma padrão e da norma culta, embora, haja a predominância da norma culta na linguagem empregada em tais textos, com o objetivo de estabelecer um diálogo, a partir de uma comunicação mais direta com o leitor.





Nesse aspecto, o uso de expressões informais (coloquial) da língua testifica essa relação de proximidade, visto que há a valorização de expressões mais coloquiais que indicam saudação, uso de metáforas, que do ponto de vista sintático, obedecem às regras gramaticais e do ponto de vista semântico, abrem espaço para o uso de variedades justificadas pela existência de diferentes leitores, com diferentes graus de escolarização, que apresentam diferentes hábitos linguísticos.

Sendo assim, a escolha pelo uso de expressões mais coloquiais da língua nos três artigos está voltado pra as intenções de cada autor de tornar seus textos mais próximos do leitor a partir de um vocabulário menos formal e assim, cumprir o seu papel comunicativo, o que corrobora com as perspectivas sociolinguísticas e funcionais acerca da língua e da linguagem.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Aula de português: encontro & interação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.

BAGNO, Marcos. **Língua materna: letramento, variação e ensino** / Marcos Bagno, Gilles Gagné, Michael Stubbs. –São Paulo: Parábola Editorial, 2002

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BAZERMAN, Charles. **Atos da fala, gêneros textuais e sistemas de atividades**: como os textos organizam atividades e pessoas. São Paulo: Cortez, 2005.

BUENO, Sinésio Ferraz. **Semicultura e educação**: uma análise crítica da revista Nova Escola. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, v. 12, n. 35, p. 300-307, 2007.

DOLZ, B; SCHNEUWLY, D. **Gêneros orais e escritos na escola**. Trad. E org. ROJO, R. e CORDEIRO, G. L. Campinas: Mercado das Letras, 2004.

Gilles Gagné In: **Língua materna: letramento, variação e ensino** / Marcos Bagno, Gilles Gagné, Michael Stubbs. –São Paulo: Parábola Editorial, 2002

RAUSC, R. B.; SCHLINDWEIN, L. M. **As ressignificações do pensar/fazer de um grupo de professoras das séries iniciais**. Contrapontos, Itajaí, v. 1, n. 2, p. 109-123, 2001.

Revista **Nova Escola**: Ano 32, Nº 302, maio 2017.

